

CURRÍCULOS, CULTURAS E DIFERENÇA: CRIAÇÃO DE POSSÍVEIS NA EDUCAÇÃO

Sandra Kretli da Silva¹
Marlucy Alves Paraíso²
Danilo Araujo de Oliveira³

Currículos para a potência e não para o empoderamento; para o acontecimento real de intensidades e não para a civilidade superior ou o aculturamento; para a liberdade de criar valor e não para formar competências. Currículos para criar o próprio destino e não para o controle da vida. Currículos para deixar-nos afetar pelas alegrias das diferenças criadoras em nós e nas outras pessoas e não para tornar-nos prisioneiros e prisioneiras de um desejo de poder de outras pessoas em nós.

Muitos dizem que ainda estamos bem longe de conseguirmos criar esses currículos. Alguns dizem até mesmo que eles são impossíveis. Dizem que o que vemos por toda parte são currículos reproduzindo modos reativos de existência, que buscam obedecer ao objetivo de prover sucesso, reconhecimento e o assujeitamento das forças intensivas. Dizem que os currículos só reproduzem e transmitem "uma" cultura dada. Mas nós interrogamos esses dizeres tão disseminados sobre o currículo reprodutor dos poderes tristes, de uma cultura e dos assujeitamentos. Afinal, acreditamos na possibilidade de fazer a diferença na existência e no currículo. Acreditamos em currículos

¹ Professora Adjunta III da Universidade Federal do Espírito Santo. Atua no departamento de teorias e práticas educacionais (Dtepe); no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) e no Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9800-6192>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0611688078195189>. E-mail: sandra.kretli@hotmail.com

² Professora Titular da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação – Conhecimento e Inclusão Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Pesquisadora bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPQ Nível 1B e Lider/Coordenadora do GECC: Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículos e Culturas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3542-4650>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4839214907972946>. E-mail: marlucyparaíso@gmail.com

³ Professor Adjunto da Universidade Federal do Maranhão. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículo e Culturas (GECC) e do Observatório da Juventude (UFMG). Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-3222-3172>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0463409625851892>. E-mail: oliveira.danilo@ufma.br

potencializadores - que contribuam para aumentar a potência de existir dos envolvidos nos processos de ensinar e aprender - e não em currículos que buscam empoderamentos.

A diferença é movimento criador, é motor da vida. E a vida cresce por caminhos inusitados, expande por todas as partes, como um rio que encontra desvio para passar e seguir caminho, até mesmo por entre as pedras. É por isso que a diferença é potencializadora de mais vida nos currículos. Como conectamos, nessa chamada temática, **currículo, diferença e cultura**, desejamos também fazer contra-cultura para interrogar o já dado e feito, num combate persistente às paixões tristes, à sujeição disfarçada de civilidade e ao impotente em nós. Afinal é o impotente em nós que trabalha para não deixar a diferença fazer seus jogos no currículo e na vida, dificultando os movimentos criadores de mais vida.

Currículos, culturas e diferença estão conectados de diferentes modos nas teorias curriculares. Por essa conexão que, há muito tempo, sabemos do caráter contestado do currículo. Isso é reconhecido por diferentes abordagens teóricas do currículo. A qualidade de *território contestado* de um currículo, portanto, pode ser associada a diferentes lutas em torno da produção, seleção, preservação, divulgação, ensino e aprendizagem de saberes, culturas e conhecimentos. Pode ser atrelado a essa contra-cultura que, apostamos, pode ser feita no currículo.

Sabemos que a decisão sobre o que ensinar é sempre uma decisão política, ética e estética, e implica disputas, confrontos, contestações e resistências constantes em um currículo. Lutas e alianças, por um lado, de grupos e movimentos sociais e culturais que tentam ganhar espaços nos currículos para verem seus saberes, sendo produzidos, visibilizados e ensinados; e, por outro lado, de grupos que exercem poder (político, cultural e econômico) que se reorganizam e rearticulam permanentemente para ver seus interesses sempre preservados nos currículos. Então o currículo é espaço contestado, e não há “consenso em torno de quais conhecimentos devem ser ensinados, de que sujeito se quer produzir ou formar e nem sobre quais elementos das culturas é preciso preservar e valorizar” (Paraíso, 2023, p. 7). Há lutas para que o currículo se torne um território que hospede e afirme as diferenças, e que esteja *conectado com a vida* (Paraíso, 2023). Um currículo conectado com a vida porque é a possibilidade de fazermos um “currículo

vitalício” (Paraíso, 2023, p.154) exatamente porque, já sabemos, “a vida de muitas pessoas depende do currículo” (Paraíso, 2010, p. 588). Além disso, se “Currículo-e-Vida” estiverem sempre conectados por esses “traços de união”, como afirma Paraíso (2023), ele “supera obstáculos” e pode sempre “dar o que pensar, o que fazer, o que dizer e o que criar, indefinidamente, na educação, se movimentando para fazer e acolher a diferença” (Paraíso, 2023, p. 154), lutando, desviando, transgredindo e insurgindo para “fazer a **vida triunfar**” (idem)

Esta *chamada temática*, “Currículos, Culturas e Diferença: criação de possíveis na educação”, buscou reunir pesquisadores/as que interrogam o tema, afirmam currículos e culturas que se constituem como acontecimento na e com a diferença. Pensar currículos e culturas como acontecimento significa deslocar multiplicidade de sentidos e fazer circular e proliferar novas imagens de educação. Muitos artigos foram apresentados a esta *chamada temática*. Muitos foram aprovados por pareceristas que aceitaram a nossa solicitação para fazer a avaliação, a quem agradecemos enormemente a contribuição dada ao nosso trabalho. Desses aprovados, dez foram selecionados para esta composição, que agora apresentamos.

Então, os textos aqui apresentados, de autores/as de seis estados brasileiros e um autor dos Estados Unidos da América, se constituem como uma trama de trocas, uma certa composição, encontros e interlocução interligados pelos substantivos que dão título a este dossiê: currículos, culturas, diferença. Pesquisas variadas que são contagiados pelos mesmos princípios de afirmação da vida e da diferença; de uma ação contra-cultural para uma cultura porvir; de currículos como territórios de criação de possíveis.

Com temas que variam em torno das questões de gênero, sexualidades, classe, raça e etnia e outros marcadores das diferenças, as pesquisas aqui apresentadas lidam com as diferenças na educação e no currículo, usando diferentes abordagens. Em tempo de neoconservadorismo e diante de políticas educacionais reacionárias e conservadoras, são inúmeros os desafios dos tempos atuais. Por isso, consideramos urgente a leitura e divulgação dos movimentos de pesquisa que buscam acompanhar os processos de criação e de resistências nas/das escolas. Movimentos sociais, culturais e políticos que problematizam os processos de lutas, resistências e afirmações de pobres, negros, índios,

povos das florestas, faunas, floras, pessoas LGBTQI+. Pesquisas que repensem a Terra e com ela, a educação, o currículo, a vida.

Nesse contexto, algumas perguntas parecem mobilizar o pensamento, a partir dos estudos aqui apresentados: Que novas experiências de subjetivação podemos criar a partir dos dispositivos pedagógicos disponíveis? Quais são as linhas desejantes possíveis de inventar novos modos de produzir culturas e currículos que atuem como pensamentos de diferenciações nos cotidianos escolares? Quais movimentos de pesquisas buscam investigar os processos de criação de desubjetivações que possam inventar novos modos de ser e de estar no mundo? Que pensamentos diferenciais podem ser criados para movimentar e expandir as invenções culturais e curriculares que potencializam os processos de resistências coletivas? Que linhas de força escapam das tentativas de esmagamento das manifestações dissidentes tão necessárias na atualidade? Que vestígios de vida intensiva criam políticas da alegria nos currículos?

O convite para vocês leitores/as desta *chamada temática*, é para fazer proliferar vidas alternativas nos currículos e nas escolas. Vidas alternativas que renovem criações e resistências na educação e no pensamento curricular. Os dez textos, apresentados a seguir, e que compõem essa chamada temática, certamente poderão contribuir para alimentar essa empreitada.

Assim, o primeiro texto desta *chamada temática* – *Derrida e a diferença: currículo como zona de tradução* –, de Elizabeth Macedo e Thiago Ranieri, se configura como uma importante reflexão sobre teoria de currículo e diferença. Em diálogo com Derrida, a autora e o autor apresentam uma reflexão sobre teoria de currículo e diferença e defendem o currículo como zona de tradução. Interrogam textos políticos a partir do exercício de criação de memórias futuras com a escola, problematizando algumas crenças pedagógicas e indo em direção a uma teoria curricular comprometida com a alteridade radical; uma teorização de currículo que possa levar em conta o intercâmbio de discursos fora de si.

No segundo artigo - *A prática de medicalização dos/as “diferentes” no currículo para garantir uma pedagogia direcionada ao grupo* –, as autoras Rhaissa de Alvarenga Coelho Martins e Marlucy Alves Paraíso analisam o funcionamento da prática

medicalizante nos currículos de duas escolas de Belo Horizonte (MG). As autoras mostram que a prática medicalizante funciona produzindo o raciocínio de que a medicação é um pré-requisito para que a aprendizagem dos/as alunos/as diagnosticados/as com TDAH seja otimizada, de modo que uma pedagogia direcionada ao grupo funcione. Há conflitos nesse processo, e há também urgência de se encontrar maneiras de lidar com a diferença no currículo.

No terceiro artigo – *Fazer fendas em moradas seguras: desafios curriculares com as diferenças no presente* –, o autor, Danilo Araujo de Oliveira, problematiza os desafios às diferenças, tendo como mote as respostas à pergunta “o que deve ser ensinado” e como isso tem se complexificado devido, principalmente, às disputas que “um modelo de família” tem travado em torno da produção do conhecimento nos currículos. Para isso é mobilizada uma narrativa docente centrada na temática de uma mudança de plano curricular por medo da reação familiar ao modo como ela iria abordar o tema das múltiplas formas de constituição familiar. Discute-se como alguns lares têm se constituído como moradas seguras e reivindicado que os currículos sejam suas extensões, impedindo, assim, que as escolas públicas efetivem suas ações como seu adjetivo as caracteriza. Assim, as problematizações direcionam-se em defesa da criação de fendas como desestabilização, abertura de possibilidades e resistência às mesmidades.

No quarto texto – *Experimentações curriculares entre vidas e desejos revolucionários, o atrevimento de singularizar* –, as professoras Janete Magalhães de Carvalho, Sandra Kretli e Tania Delboni discutem, com base em Félix Guattari, que uma das principais características de produção na sociedade capitalística é a tentativa de bloquear processos de singularização e instaurar processos de individualização a partir de dois dispositivos: a sujeição social e a servidão maquínica. As autoras defendem a possibilidade de criação de virtualidades existenciais mutantes para fazer engendrar experimentações curriculares que se afirmam entre vidas e desejos maquínicos, para desenvolver modos singulares de subjetivação, que agenciem outras sensibilidades, relações e movimentos de criação. É um convite a experimentar o atrevimento de singularizar em agenciamentos para efetuar outros currículos com modos de pensar e inventar culturas, vidas, mundos e política.

No quinto artigo – *Do currículo como máquina de subjetivação contrarredundante* –, Sílvia Gallo e Alexandre Filordi Carvalho investigam o que vem a ser um currículo como máquina de subjetivação contrarredundante. Analisam, inicialmente, o currículo redundante, mostrando a concepção dominante em torno da fundação dos sujeitos e das subjetividades modernas e o que se contrapõe a elas; o lugar da ideologia como produção de territórios de subjetividades redundantes, a partir do pensamento de Althusser e, por fim, a possibilidade de uma máquina de subjetivação contrarredundante, sobretudo a partir do pensamento de Félix Guattari. Para os autores, o currículo situado como máquina de subjetivação contrarredundante se torna uma máquina da potência criativa, de afirmação das diferenças e das singularidades dos modos de pensar, de agir e de ser, de experimentação com saberes menores. Apostam, portanto, na possibilidade de o currículo fazer-se em multiplicidade de experimentação fora dos circuitos de máquinas sujeitantes e produtoras de redundâncias.

No sexto artigo – *Um currículo de contos de fadas da diferença: normas de gênero e produções subversivas por meio de corpos de crianças-meninas* –, as pesquisadoras Maria Beatriz Vasconcelos e Maria Carolina Caldeira apresentam os resultados de uma pesquisa que analisou seis livros de Contos de Fadas contemporâneos que compõem um currículo cultural em que diferentes feminilidades são construídas. Mostram que, nesse currículo cultural, a força performativa produz posições de sujeito criança-menina que contestam padrões de beleza. Afirmam que a literatura, como expressão de arte, tem a potencialidade de extrapolar as relações de poder-saber engendradas, estabelecendo-se também como espaço de transgressão e proliferação da diferença.

No sétimo texto desta chamada temática – *Mulheres indígenas universitárias: resistir, existindo* –, Karina da Silva Molina e Paula Regina Costa Ribeiro apresentam um recorte de uma pesquisa de doutorado para problematizar a presença das mulheres indígenas na universidade, a partir de suas existências e da diferença que produz nos espaços educativos. A partir de uma investigação narrativa, são evidenciadas e analisadas experiências de preconceito e discriminação ao longo da vida das mulheres indígenas universitárias.

No oitavo texto – *Ensino de ciências e cosmovisões originárias: uma travessia entre as rotas curriculares oficiais e a produção de caminhos outros* –, Camila Valério Ramos da Silva e Allan Moreira Xavier fazem uma leitura crítica de alguns currículos oficiais a partir de conceitos como megamáquina capitalista, máquina educacional e rostidade. A autora e o autor focalizam, nessa leitura, o ensino de ciência, e defendem que o Ensino de História Das Ciências pode contribuir para pensar possibilidades de criação de novas pedagogias e de uma educação menor por meio de uma descolonização curricular juntamente com a educação indígena e os povos originários.

O nono artigo – *Vida de professora em tempos de Covid-19: rupturas, continuidade e invenções na pesquisa narrativa* –, escrito por Soymara Emilião e Alexandra Garcia, analisa as experiências escolares publicadas em uma página de rede social denominada ‘Vida de Professora’, e problematizam os possíveis modos de viver e ser professora que emergem em narrativas docentes. As autoras mostram que as narrativas autoficcionalizantes trazem pistas da potência invisível das escolas públicas; que os processos de formação são contínuos e provisórios em diferentes contextos; que a defesa do que produzem as escolas e seus sujeitos, especialmente os professores nos cotidianos contribui para a compreensão da complexidade do trabalho docente e dos processos de *aprenderensinar* vividos pelos praticantes das escolas em seus cotidianos.

Por fim, no último artigo desta chamada temática – *Práticas Culturais visuais de escolas de elite pós-coloniais em circunstâncias de globalização* –, Cameron McCarthy problematiza a gestão contemporânea e conservação de histórias nos domínios visuais de três escolas de elite pós-coloniais: *Old Cloisters* em Barbados, *Rippon College* na Índia e *Straits School* em Cingapura. Essas escolas fazem parte de um estudo de 5 anos em 9 países sobre escolas de elite pós-coloniais em circunstâncias globalizantes. O autor mostra que essas escolas – produtos de sociedades marcadas historicamente pelos encontros coloniais e imperiais britânicos dos séculos XVIII e XIX e da primeira metade do século XX – são agora impulsionadas por novas energias associadas à mercantilização, ao neoliberalismo e à globalização. Mostra que essas escolas se movem cada vez mais online, localizando-se em sites de compartilhamento de fotos e vídeos, como *YouTube*, *Facebook* e *Flicker*, bem como sites que cada escola individual está criando para

consagrar o patrimônio escolar. O autor chama a atenção para o significado teórico e as dimensões práticas do trabalho que essas escolas selecionadas estão fazendo em suas ricas heranças e arquivos históricos em resposta às novas demandas da globalização e transformação dos mercados educacionais.

Em seu conjunto, portanto, essa chamada temática apresenta artigos que contribuem para o propósito de pensar a criação de possíveis na educação com a composição de currículos, culturas e diferença. Eles certamente ajudam a pensar currículos para fazermos a contra-cultura – numa interrogação permanente do já feito e dado, nos posicionando contra “a” cultura, considerando-a “um campo de batalha”, “teatro das operações”, “território de contestações” – e não para transmitir uma cultura dada, autorizada, que exerce poder. Enfim, esses artigos nos ajudam a pensar currículos para fazer a diferença na existência e não para reproduzir discursos de boas causas, sejam elas quais forem. Enfim, esses artigos apresentados nessa chamada temática ajudam a conectar currículos, cultura e diferença, e a pensar outros possíveis na educação. Desejamos, portanto, boa leitura a todos/as/es!

Referências

- Paraíso, M. A. (2010). Diferença no currículo. *Cadernos de pesquisa*, v. 40, n. 140, p. 587-604, 2010.
- Paraíso, M. A. (2023). *Currículos: teorias e políticas*. São Paulo, Contexto, 2023.
- Paraíso, M. A. & Silva, S. K. (2016) Apresentação da Seção Temática: Perspectivas teóricas das pesquisas em currículo. *Currículo sem Fronteiras*, v. 16, n. 3, p. 380-387, 2016.